



Trechos do livro “DE FRENTE PARA O SOL - 110 obras jornalísticas. Um passeio pelo pensamento da autora”, editado pela CEPE – Companhia Editora de Pernambuco, cedidos pela autora, a escritora Célia Labanca, para lançamento virtual, no dia 6 de novembro de 2020.

Prefácio

UMA DISCORDÂNCIA E 106 CONCORDÂNCIAS

José Nivaldo Junior

(Publicitário, escritor, membro da Academia Pernambucana de Letras)*

Comecei a ler os textos deste livro com uma desconfiança danada. O primeiro título com que me deparei estampava: “Eu acredito em Deus”. Como eu não creio na existência de nenhum ser imaterial que porventura possa ter criado o universo, fiquei preocupado.

Não é bom o prefaciador discordar do livro que prefacia. Imaginei o que poderia vir em seguida. “Eu torço pelo Náutico”. Teria que discordar porque torço pelo Santa, o imortal das Repúblicas Independentes do Arruda. “Eu abomino a pernambucanidade”. Seria danado porque defendo nossas cores revolucionárias com unhas e dentes, noventa e nove fora os eventuais ocupantes do poder. “Eu acredito em duendes”, aí seria o fim da picada. A briga estaria feita.

Felizmente para minha missão de prefaciador, a discordância ficou só no primeiro texto. Divergência filosófica ou teológica, como queiram, porque a profundidade, a riqueza da abordagem e a leveza do texto caíram logo nas minhas graças. Apesar da dissonância inicial. E daí para a frente, a leitura foi uma festa só. Um prazer prolongado, suave, delicioso. Que maravilhosa iguaria é este livro. Formada por cento e poucos ingredientes, sendo cada crônica ou artigo, como queiram a matéria prima da autora. De forma muito bem dosada, cada pequeno capítulo se torna parte de um todo irretocável. Sem perder a sua identidade original, registre-se.

Quem conhece Célia Labanca sabe da sua firmeza e suavidade diante de vida. Da sua personalidade marcante. Do seu poder de liderança. Sem ser seguidora do Chê, pratica a dureza, quando necessário, sem perder jamais a

ternura. E isso fica muito bem demonstrado nos temas diversificados que compõem este livro. Unificados pela marca indelével da dimensão humana diferenciada da autora. Além de um talento literário extraordinário, que se revela em imagens sutis e frases muito bem escritas, que fisgam e enlevam os leitores.

A autora é uma guerreira, digna do espírito das mulheres de Tejuco-papo. Superou, e continua vencendo, muitas batalhas nesta vida, como que inspirada na Canção dos Tamoios de Gonçalves Dias: “A vida é luta renhida, viver é lutar”. Navega Célia Labanca lutando e produzindo textos como se fossem pérolas. Ou flores com perfume envolvente e pétalas suaves.

Assim, aborda entre outros muitos temas convergentes entre nós, a defesa dos valores artísticos e culturais, do autêntico frevo, do futebol, do vapor benigno que emana de Pernambuco. Para o Brasil e para o mundo.

Excursiona também pela política, como poderia ser diferente? Faz um enorme esforço para entender esse Brasil que muda. Demonstra a indignação que está presente no espírito de todo nacionalista com os vendilhões da decência na política. Textos premonitórios, alguns, antecipando situações. Textos confessionais, outros, declarando o seu desapontamento com as mazelas que assolam o nosso País. Textos convocatórios também. Como o apelo final de dar tempo ao tempo para finalmente cairmos todos na real. Não nessa realidade que está aí. E sim em uma realidade que podemos construir, graças ao sonho, a tenacidade, ao talento de pessoas como Célia Labanca.

“Uma doida sensível e terna”, como a certa altura ela se define. Uma mulher, uma escritora que não finge, apenas abre e compartilha a alma. Bem, poderia iniciar uma discussão sobre a “doida”, mas aí seria uma segunda divergência e teria que voltar ao início. Deixa assim.

Desse modo, encerro o prefácio e entrego a obra aos leitores.

Melhor dizendo, entrego a chave da porta da alma de um ser humano diferenciado. E convoco a todos os felizardos que têm este livro nas mãos para um passeio inesquecível pelas ideias, pelos sentimentos, pelo espírito de uma mulher marcante e inspiradora como Célia Labanca.

LIVRO NEGRO

É sempre muito difícil os autores escolherem personagens entre os tantos que lhes habitam a imaginação, e a realidade. As influências são muitas, e de todos os tipos, o que complica mais. Afinal, cada um deles é a extensão do que há de mais íntimo em cada escritor ou escritora, dos seus interesses afetivos e intelectuais, ou ideológicos. São também, a parte mais reflexiva, espelhos de suas almas, sejam eles figuras humanas, instituições, ou até um simples tema objetivo ou subjetivo, dos quais eles não se escondem.

Desta vez, escolhi dizer dos Museus, que são entre as instituições as que melhor cumprem o seu papel existencial e social na medida em que somente a arte e a cultura identificam e unem uma nação, pois que eles guardam da história, as suas histórias, nos seus acervos, vitrines, paredes.

Se pensarmos que é do princípio da democracia o acesso à arte como valor em si mesmo, podemos pensar que assegurar a qualidade dos Museus em sua originalidade, seus eventos, sua identidade, e suas funções, é obrigação pública, governamental, porque somente neles a grande maioria tem o encontro com a obra de arte em sua essência, como experiência individual e solitária, portanto merecedora do maior respeito, e muito mais porque ela é uma arma a favor da estética, da cultura, da história, da ciência, e até da ética. – Do conhecimento. A eficácia dessas instituições está ligada à dedicação dos seus funcionários, às pautas montadas por seus gestores ou gestoras por vezes com o sábio palpite do Conselho Curador, e pelo sistema de ideias de todos.

São eles que dispõem ao público visitante, principalmente, as exposições itinerantes, incluindo como parte desse trabalho o lançamento de novos artistas, novas peças, novos feitos, novas informações, e projetos novos, que vão de cursos específicos e os mais variados, às palestras, mostras visuais, passando pela alternância de parte de sua reserva técnica no circuito permanente de visitação, como forma de atrair, comunicar, e entusiasmar aos afeitos a sua convivência. No entanto, entre o poder da arte e o poder do dinheiro, para os governos menos avisados, a segunda opção é sempre a escolhida, precipuamente, se por não gastá-lo. Eles não têm consciência de

que políticas de aquisição, de conservação e de restauração da maioria dos monumentos onde estão instalados, de reverência e valorização de um quadro de funcionários habilitados a lidar com os acervos e a concretização das funções dos museus, quaisquer que sejam, são ações indispensáveis porque geram emprego, renda e cidadania. Assim, quando os relega, principalmente nos países, ou estados subdesenvolvidos, permitem que o povo não concretize a visão de si mesmo. Os governos que aniquilam museus, ou deixam que isto aconteça, são de tremenda insensatez. Não sabem que os mesmos são a única indústria sem chaminé; que eles são sustentáveis em seus fazeres, e exemplares com relação à educação. E, que no “mundo civilizado” são peças indispensáveis ao desenvolvimento do turismo, da economia, da democracia, e da educação. Os museus quando do descaso institucional são tristes e quase mortos. São como livros negros. São como um silêncio nefasto; como mágoa guardada, como relógio parado. São como se não houvesse amanhã; e que nada será como antes. O que não é verdade, senão o abandono como “crime” de lesa pátria. – É o que infelizmente acontece com muitos dos nossos.

Célia Labanca

Para o Jornal FOLHA CULTURAL, em 17.07.015.

DE FRENTE PARA O SOL

Já estamos a bom tempo no ano novo, e isto nem é mais novidade. “O Tempo não para”, já dizia o poeta. Nesse tempinho em que deixamos para trás as festas do ano velho, os muitos convites, as comidas ótimas que nos deixaram com a barriga igual a do Papai Noel só para nos culpar e termos que reiniciar os regimes; os muitos papéis de presentes e desejos rasgados, as chuvas de fogos pelo mundo a fora, os muitos encontros e confraternizações, e ele já prenuncia senão horrores, alertas contundentes.

Pensando sobre isto, questionei sobre quantos de nós fez alguma reflexão sobre o que vivemos naquela época para além dos conceitos religiosos, ou moralistas; sobre quantos de nós fez um balanço de ações e

atitudes sobre os trezentos e sessenta e cinco dias passados; quantos de nós nos reconhecemos em débito com nós mesmos, ou com os outros, ou o outro; quantos de nós nos conscientizamos do que, e onde, precisamos mudar independentes dos nossos desejos para um dia merecermos os sonhos realizados.

Quantos de nós estivemos sós? Sim, porque o costume é fugirmos nos cercando de gente na medida em que, não temos solicitude com nós mesmos, ou nem sabemos o que isto significa! Aí, pensamos que a multidão nos faz menos frágeis, menos infelizes. Menos nós. Menos sós. – Não reconhecemos, por exemplo, que a águia vive só. E, viver só, não significa ser triste, ou depressivo. Não significa isolamento, denota solitude, que é a vontade consciente e delicada de estar-se intensamente consigo. Significa que escolhemos a nós mesmos para voar. Voar a piques insuperáveis e encontrarmos nossas almas cujo aspecto sublime as fazem existir para além do organismo, para além do infinito. E nelas o melhor de nós. Pois, somente as encontrando aprenderemos a ser indulgentes e tolerantes com nós mesmos, e com o outro. Coisa que não acontece mais entre nós, que não vemos mais estrelas, que não lemos os sinais.

Os sentimentos, os pensamentos, e as emoções são vibrações que ultrapassam e transformam a matéria, e que projetados, influenciam categoricamente os nossos destinos. – O cérebro é o grande administrador de todo sistema físico, orgânico, e acolhedor do nosso espírito. – Como temos pouca ciência disto, das possibilidades e das aventuras do que somos nós vivemos apegados, em nossa grande maioria, às periferias existenciais. Por isto, nossas convivências sociais e humanas, quase sem saídas, nos fazem viver num círculo vicioso de dores e dissabores. É o que considera como “umbiguismos” a psicóloga Marise Moraes em seu excelente artigo “Je suis Charlie” sobre a última barbárie em Paris, que se abateu dolorosamente sobre o mundo.

Para ela, num resumo do seu enfoque, é necessário que se avenge sobre a ética, e a liberdade. Sim, porque para sermos livres, precisamos começar por termos sentimentos éticos com nós mesmos. – Eles, como tudo, também tem dois lados. Primeiro o de não confundirmos liberdade com libertinagem, liberalidade, e outras. Segundo, o de nos livrarmos de nós

mesmos, dos nossos egocentrismos e excessivo materialismo, para entendermos “que o que vemos hoje ser defendido é uma utopia de liberdade meio sociopata. E, sociopata, para quem não sabe, é uma pessoa que adoeceu tanto, mentalmente, que perdeu ou até nem desenvolveu a capacidade de sentir e de se identificar com o sentimento do outro. É um doente emocional que se torna perigoso para o convívio social.”

Sei que somos seres complexos e confusos. Tanto, que naturais em nossos delírios não entendemos que as emoções nos limitam, a tal ponto, que não as reconhecemos quando positivas ou negativas, até porque elas e a razão funcionam juntas no mesmo cérebro, e nos levam então, a nos afastar de nossa interioridade, porque é sempre mais fácil lidar com o compreensível, com o palpável, com o simplesmente acessível. E, o acessível é a realidade externa, “é a que prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser.” É “a que não exige sabedoria, e promove a oração sem caridade”, como disse Gandhi.

Assim é que, a minha proposta, e eu adoro propor, é que cada um de nós vivamos como frutos da inspiração divina, indo sem temor de encontro ao sol, compreendendo que a inteligência sem caráter, ou a generosidade dos holofotes somente nos afastam de nós. Não nos impulsionam à fantástica viagem interior, que embora difícil e demandando bravura, nos levará ao alento de saber que a nossa realidade, bem longe do trivial simples de nossas vidas cotidianas, somente sairá da hipótese de ser geral, quando a entendermos para além das construções mezinhas e banais que a sociedade nos impõe e desafia, em respeito a uma nova e bela história que podemos construir.

Célia Labanca

Para a Revista TERRA MAGAZINE, em 06.01.015.

DESISTIR JAMAIS!

Sempre tive profunda atração pelos homens interessantes. Na minha avaliação eles não são muitos. E até, alguns são, na hora do bem bom, na hora da festa, na hora em que o bolso não está vazio, na hora de seduzir pelo prazer de seduzir, quando os holofotes estão ao seu dispor, ou quando a

plateia os apraz. Mas, estes, estão na média. – O homem interessante mesmo, é aquele que se mantém na sua própria média. É o que não é ciclótico. Não é machista. É inteligente, se preparou para ter ousadia e coragem para sonhar. É gentil e educado, tem força de trabalho, lógica, densidade, simplicidade, e bom humor. Tem prazer de ser o que é; tem humildade para amar, ou se reconhecer apaixonado por quem, ou pelo que escolheu, ou pela vida. É bom caráter, tem decência nas horas difíceis, não trai, não desrespeita quem quer que seja; não convive com o escárnio, não tem soberba, ou arrogância. Não vive de rompantes, e ainda tem sabedoria e a compreensão do tempo. É um humanista. – Esses funcionam uma oitava acima.

Entre eles estão os líderes. E nós acabamos de perder um deles: Eduardo Campos, em plena ascensão, independente dos emocionalismos, comoções, ou religiosidades. Por mais ou menos que lhe tenham politizado o funeral. – Ele nunca cultivou o conformismo, não viveu de suspeitas, nem de acusações; percorreu o caminho que idealizou espero, com lisura, determinação, sensibilidade e alegria. Às claras. Foi feliz com suas escolhas, com seus amigos, com sua família, com seu povo. Foi um homem público na expressão da palavra e das suas preocupações. Tinha imensas inquietações que lhes eram naturais, com as quais sabia lidar e contra elas lutar, como com as diferenças sociais. Mas, tinha também, o dom de acreditar. Muito mais, diante do que esperava poder mudar, e isto o impulsionou à luta, e até à morte. Uma pena!

Hoje, estamos vivendo a partir da sua perda, uma página das mais confusas entre as de sempre na nossa história. Estamos diante de uma eleição, que como todas elas, indispensável à democracia e às mudanças que os países estão sempre a precisar. O nosso, mais ainda. Com a sua ausência do processo eleitoral, com a mídia focada de forma a não contribuir, mas a adubar o conformismo, ou o desestímulo, levando à desmobilização do eleitorado, tudo isso nos leva a nos sentir num país órfão de esperanças; cheio de desconfianças. De um lado, temos uma candidata que deixou de agradar à maioria. Do outro, alguém cujos compromissos estão apoiados em exemplos de governos dissimulados como foi o seu, e de gestões viciosas, e dirigidas basicamente às elites. – Sem Eduardo, então, fazer o que? Ele aspirava como eu, o desenvolvimento com sustentabilidade, para além de qualquer rede,

qualquer descanso, qualquer desatino, ou falta de transparência com a coisa pública. Estava determinado em sua coragem férrea a transformar o mundo. O nosso mundo, que por enquanto, ainda está caído diante da dor, e do dano imposto pelo destino, mesmo que já tenham encontrado “saídas” para lhe representar as aspirações.

O seu envolvimento com Pernambuco, o Norte, e o Nordeste me levava a crer na possibilidade de mutação do ainda estado de subdesenvolvimento para a condição cidadã da nossa população. Ele afastaria da nossa contemporaneidade as velhas práticas patrimonialistas que permanecem infectando a política e o seu jogo, próprias dos candidatos, ou candidatas comuns. Queria um governo, e um governar novo, moderno, de união, de afastamento de ambições imperialistas, e mais produtivo no sentido do humano. Um governo de todas as reformas adiadas, sem exclusão, exigente na manutenção das conquistas sociais e no desejo de ampliá-las em rede. Pelo menos foi o que passou para todo o nosso Estado.

No entanto, como disse um dia, Freud, “nunca tenha certeza de nada, porque a sabedoria começa na dúvida”; então, diante de tantas constatações dolorosas e inexplicáveis, impostas pelo imponderável, e diante de tantas incertezas e inseguranças pelos quais estamos passando nós e a nossa história, o melhor mesmo é não ter certeza de nada, apenas a de esperar sempre pelo que a vida quer de nós, só não podemos “desistir do Brasil”, como ele nos pediu. E, não desistir nem por ele, nem por nada. Sempre! Muito menos pelos desejos de nossa elite banca e burra, como disse o outro. Célia Labanca

Em 16.08.014 Para o Jornal FOLHA CULTURAL.

EU VI UM SANTO

O dia foi o de vinte e sete de abril deste ano de 2014, ensolarado exatamente como convinha a um festejo como aquele; a cerimônia que durou quase 24 horas na cidade do Vaticano celebrava a canonização dos Papas João Paulo II, e João XXIII, que foram amados pelos povos da igreja. Havia

milhares de pessoas de todo o planeta presentes e autoridades também; um imenso festival de bandeiras embelezava a Praça de São Pedro, onde já estive em várias ocasiões. A emoção tomava conta de tudo e todos, enquanto a multidão formada por alguns milhões de pessoas cantava, rezava, chorava, e dizia da diversidade humana. A organização de tamanha manifestação de fé foi perfeita. Os brasileiros presentes eram muitos, e acenavam com suas bandeiras comemorando a lembrança, o sentimento feliz de terem convivido com os santos em suas visitas ao nosso país, às suas palavras e escritas, e os seus exemplos.

Eu, que não sou tão afeita à igreja enquanto a sua constituição de poder, de acesso e de manutenção dele, mesmo que dependente de Deus e do seu filho em minha vida, no meu corpo e nas minhas mais profundas convicções. Mesmo assim, também me emocionei, principalmente com o Papa Francisco, pela sua conhecida simplicidade que o permitiu até a trocar seu solidéu com o de um dos convidados; com o seu passeio por entre os fieis repetindo os mesmos gestos que teve para com o povo brasileiro no Rio de Janeiro durante a Jornada Mundial da Juventude que encantou a todos, e não só despertaram como fortificaram a esperança cristã e a devoção dos súditos de Deus, com seu sorriso simples e amigável, seus acenos e seus toques de mão suaves abençoando a cada um dos presentes como quem toca uma flor, ser extraordinário que é.

Apesar da beleza da grande festa, e da minha emoção em assisti-la, não consegui perder a visão crítica do que me cerca, do que cerca as minhas circunstâncias e o meu tempo, que não é lá dos mais felizes, porque o mundo que eu vivo, está profundamente doente! Além de tudo. Nos meus momentos de reflexão, por várias vezes me encolhi como quem busca a volta ao útero de minha mãe, tão grande é o medo que sinto diante das aberrações que a condição humana é capaz de cometer. São mortes, como se elas fossem reversíveis, traições de pais contra filhos e vice-versa, corrupção deslavada de todos os lados, devastação da natureza, desrespeito aos animais, injustiças, desigualdades; são mentiras desavergonhadas existindo como ética do cotidiano; a petulância, a falta de bondade, de irmandade, e de compromisso com a misericórdia de Deus. – Por isto, a fome, as drogas, a violência, a solidão que se derrama até pelas redes sociais, a superficialidade de tudo

inclusive com a mesma rapidez tecnológica; as doenças que afetam a tantos, sem cura, apesar do desenvolvimento da ciência e da tecnologia; a homofobia, o racismo, a ambição cada dia mais desmedida, a esperança e as promessas de mudanças existindo apenas como figuras de retórica, e um poder mundial que somente colabora com o desassossego e a guerra, porque para os seus valores, o horror é lucrativo, portanto mantido e justificado. – Sem falar no mal civilizatório que é a corrupção ortodoxa, e generalizada, principalmente entre nós.

E, novamente, em elucubrações com os meus botões, sou obrigada diante de mim mesma a reconhecer a minha inaptidão para compreender tamanhas dores como se fôssemos absolutamente ineptos de aprender com elas, e muito mais, incapazes de demovê-las. – Por que tudo isto, me pergunto, se se sabe que o crime, a consciência pesada, o egoísmo, e a infelicidade não compensam?

Dos dois santos, São João Paulo II que conheci pessoalmente, como conheço Francisco, fez comprovadamente dois milagres segundo nos informa a história da igreja, e eu gostaria muito que ele fizesse o terceiro, fazendo com que o ser humano entendesse que ser, ser humano, é ser diferente do que está aí.

Célia Labanca

Para o Jornal FOLHA CULTURAL em 05.05.2014.